

Clima dos negócios revitaliza a economia

Rinaldo Campos Soares *

A experiência na condução dos negócios de uma empresa de base, fornecedora de insumos para diferentes setores das indústrias de transformação e de construção, tem fortalecido ao longo dos anos minha convicção de que o "clima dos negócios" é um dos mais importantes fatores da vitalidade econômica como um todo. Visões do futuro, decisões estratégicas, diretrizes e orçamentos operacionais são fortemente influenciados pela "atmosfera" externa aos conselhos de administração e às diretorias executivas das empresas. E creio que essa influência será crescente daqui para a frente, à medida que ingressamos de fato na sociedade da informação globalizada.

Para o Brasil, quanto a esse aspecto, os dois anos mais difíceis da década de 90 foram certamente os dois últimos, 1998 e 1999. O "clima dos negócios" foi negativamente afetado e um bom número de empresas viveu a atmosfera de postergação dos investimentos. Outras, porém, enxergaram mais longe e investiram na retomada do crescimento, estrategicamente justificada por dois importantes elementos: 1) a firmeza com que as autoridades econômicas se conduziram nos momentos mais agudos dos "efeitos contágio" e da drástica mudança do regime cambial; e 2) a atratividade

do Brasil, comparativamente à de outras economias emergentes.

Combinados, esses dois elementos produziram uma nova ambientação para o desenvolvimento dos negócios desde o último trimestre de 1999, mas especialmente na chegada de 2000. Apesar de a atenção de todos estar também voltada para os possíveis desdobramentos de um ajuste global na precificação das ações, em particular das empresas da chamada nova economia, vivemos agora a reversão do clima desastroso do último biênio. A percepção generalizada é de que o Brasil absorveu bem os choques externos que

atormentaram as economias emergentes. Mais que isso, a mudança do regime cambial, que parecia desastrosa, evidenciou-se pouco a pouco mais benéfica do que negativa, à medida que o realismo cambial definido pelo mercado impactou positivamente as cadeias produtivas no País, levando à rápida renacionalização dos suprimentos, além de reduzir o déficit em transações correntes do balanço de pagamentos. Tudo isso não é um simples milagre.

A rapidez dos ajustes no Brasil e a rápida reversão do "clima dos negócios" têm fundamentos sólidos. Eles se encontram tanto na evolução da economia nos anos 90 quanto nas condições atuais e ainda nas perspectivas econômicas do País. Vamos ver cada um desses três fun-

damentos. Primeiro: a evolução. O Brasil dos anos 90 não foi nada parecido com o Brasil das décadas anteriores. A orientação estratégica da economia mudou. A nova equação trocou a estatização pela privatização; o protecionismo pela abertura; e o regulamentarismo pela desregulamentação dos mercados. E, além disso, operamos reformas institucionais de cunho liberalizante.

Segundo: as condições atuais. Os resultados da reorientação estratégica e da nova gestão macroeconômica são conhecidos de todos. Mas não é demais listar os principais. A economia opera com uma inflação mensal de ordem decimal e foram episódicos e superados os momentos em que a taxa mensal registrou variação acima de 1%. O crescimento da década, embora achatado, foi positivo, da ordem de 2,2% ao ano. A produtividade industrial avançou 66%, após ter ficado estagnada nas duas décadas anteriores. A credibilidade externa foi recuperada. Em consequência, o fluxo de investimentos estrangeiros diretos em atividades produtivas alcançou patamares históricos.

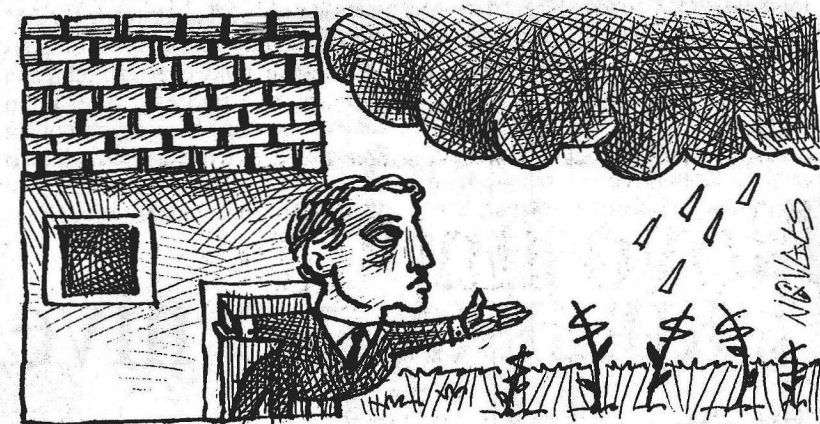
A média histórica desses investimentos era próxima de US\$ 1 bilhão anual, valor que hoje o Brasil atrai a cada 12 dias. E as empresas nacionais investiram pesado em modernização e expansão.

Terceiro: as perspectivas. Com o balanço internacional de pagamen-

tos financiado por aumento gradativo do saldo comercial e pela continuidade da atração de capitais para investimentos diretos produtivos, removemos a restrição externa e deixamos de ser reféns de capitais especulativos. O Brasil é hoje o segundo entre os países emergentes em atração de fluxos de investimentos produtivos. Essa atratividade é decorrente da orientação estratégica interna e da gestão macroeconômica, fundamentando-se ainda nas dimensões da economia: apesar do recuo do PIB em dólares, estamos entre as 12 maiores economias do mundo. E o que é mais importante: com muito ainda por fazer. A potencialidade interna admite projeções de crescimento entre 4% e 5% anuais, o que significa uma expansão anual de mercados de US\$ 30 bilhões.

Esses três grupos de fundamentos mostram que a reversão do "clima dos negócios" não é obra do acaso, muito menos de euforia inconsequente. Mas pelo menos quatro condições importantes são exigidas para que a reversão se consolide e tenhamos de fato um novo e auto-sustentado

ciclo de expansão econômica: 1) a continuidade da orientação estratégica, centrada no binômio privatização e inserção global; 2) foco em diretrizes que ampliem a competitividade do País; 3) contínua expansão da base de mercado pela redução dos preços reais dos bens finais, pela



expansão da massa real de rendimentos ou pela combinação dos dois fatores; e 4) garantia de suprimentos infra-estruturais a custos competitivos para que não se estrangule a capacidade efetiva de crescimento.

O quarto ponto citado diz respeito, diretamente, ao setor siderúrgico, como a outras indústrias de base. E esse setor está se preparando desde 1994 para esse novo ciclo. Foram planejados US\$ 13 bilhões de investimentos em expansão, modernização e atualização tecnológica, dos quais US\$ 9,2 bilhões haviam sido aplicados até o final de 1999. Para o triênio em curso, 2000-02, estão projetados investimentos de US\$ 3,5 bilhões, que ampliarão a capacidade de oferta em relação à demanda interna e ainda sustentarão saldos exportáveis nos principais segmentos, segundo perspectivas estendidas até o ano 2010.

Esse esforço de investimentos em um setor que fundamenta suas decisões em visões de longo prazo não

estaria se efetivando se os empreendedores não confiassem nos resultados da orientação estratégica seguida pelo País nos anos 90, bem como na capacidade de remoção das restrições à instalação de um novo ciclo de expansão. A visão que sustentamos é de que estamos ingressando no terceiro grande ciclo de crescimento dos últimos 50 anos. E mais bem fundamentado que os dois ciclos anteriores de expansão econômica, os das já distantes décadas de 50 e de 70. Creio, porém, que para a efetiva instalação desse novo ciclo é fundamental que o "clima dos negócios" se mantenha positivo, inspirando iniciativas de expansão. Por melhores que sejam os fundamentos e a estratégica, a sustentação do crescimento econômico dependerá cada vez mais da confiança dos agentes privados, nacionais e externos, na potencialidade e na atratividade comparativa da economia. ■

* Presidente da Usiminas.